

ONJALI Q. RAÚF

JOGO
QUE
NUNCA
VOU
ESQUECER

PLANO DE
BATALHA



Da autora de:



Ilustrado por Pippa Curnick

BOOK
SMILE

Para o meu irmão Zak,
o campeão de xadrez do meu mundo.

Para a minha nani, Shaista Shelley Khanom,
e para todas as grandes (mestres) avós, cujos legados
nós, os seus netos, continuamos.

Para a minha nani «Colet Flat», Julekha Rahman,
que a demência nos roubou demasiado cedo.

E para a minha Mãe. Sempre.

*«Se queres ser uma campeã, tens de pensar
diferente da multidão.»*

Judit Polgár, Grande Mestre de Xadrez

*«— É uma memória pobre, essa que só funciona para trás
— diz a Rainha Branca à Alice.»*

Lewis Carroll, Autor

ÍNDICE

1.	A Abertura	11
2.	A Primeira Jogada	25
3.	O Jogo da Espera	36
4.	A Vantagem da Inimiga	46
5.	Defesa e Ataque	55
6.	A Jogada Inesperada	69
7.	Ao ataque!	81
8.	Gato e Rato	92
9.	A Liga dos Defensores do Quarto	106
10.	Cobras e Escadas	120
11.	Operação DT	132
12.	A Verdadeira Grande (Avó) Mestre	145
13.	Subir de Nível	159
14.	Escondidas	174
15.	<i>Masterminds</i> : Mentres Brilhantes	188
16.	O Efeito Dominó	204

17.	Scrabble(zado)	219
18.	As Regras do Jogo	236
19.	Quatro em Linha	248
20.	O Relógio Com Dois Tempos	266
21.	Um Novo Plano de Jogo	278
22.	Xeque-Malta	294
23.	Os Trapaceiros do Xadrez	308
24.	A cabra-não-tão-cega!	322
25.	Hora do Lobo	335
26.	A Fuga Quem é Quem?	343
27.	A Última Jogada da Rainha	359
28.	A Grande Final	379
29.	Atordoadado	390
30.	Uma Nova Jogadora	399
	Nota da Autora	416
	Agradecimentos	423



1

A Abertura

Fiu-fiu! Fiu-fiu! FIU!

— Zak, pausa isso, por favor...

Ignorei a voz do meu pai, carreguei nos botões da minha consola de jogos com mais força e rapidez, e disparei mais alguns *fiu-fius* ao robô gigante que estava a tentar destruir o meu império.

— ZAK!

Carreguei no botão de pausa do jogo, olhei para cima com um:

— O que ééééé? — E depois franzi a testa. Não tinha percebido que tanto a Mãe como o Pai haviam ignorado o meu sinal de «NÃO ENTRAR», feito com papel de alumínio, e entrado no meu quarto. Não me lembrava da última vez em que tinham vindo os dois ver-me ao mesmo tempo. E ainda por cima a um domingo de manhã.

Pensei rapidamente, a tentar lembrar-me se tinha feito algo de errado... *Naa*, nada. Não tinha partido nada sem querer recentemente, o meu quarto não estava muito desarrumado e, este período, não me meti em sarilhos na escola uma única vez. Aliás, a professora Koumi disse que estava muito impressio-nada com o meu desempenho na última reunião de pais, por isso não havia definitivamente nenhuma razão para a Mãe e o Pai virem repreender-me. Na verdade, e pelo contrário, provavelmente deviam-me alguns prémios pelo meu bom comportamento!

Com um grande sorriso, a Mãe sentou-se na minha cama e disse:

— Temos uma coisa importante para te dizer.

No segundo em que ela disse aquilo, eu soube que alguma coisa má estava prestes a acontecer. Sempre que um pai ou mãe diz que tem «uma coisa importante para te dizer», isso geralmente significa que estás prestes a fazer de menino das alianças num casamento qualquer de familiares dos quais nunca ouviste falar, onde pessoas mais velhas te beliscam as bochechas e dizem que estás tão crescido, como se isso não fosse algo que as crianças fizessem todos os dias. Mas quando os teus

pais te dizem isso *e* se sentam na tua cama, então, isso quer basicamente dizer que há 99 % de probabilidade de a tua vida ter acabado.

Fiquei a olhar para a Mãe, que mordida o lábio inferior nervosamente, como um coelho que tinha ficado sem cenouras, e para as orelhas do Pai, que ficaram tão vermelhas como se de lá estivessem prestes a brotar morangos a qualquer momento.

Pousei a consola e esperei.

A Mãe passou uma madeixa do seu cabelo preto brilhante por trás da orelha com uma argola dourada, e aproximou-se.

— Bem, na verdade, há três coisas que te queremos contar. Queres ouvir primeiro a notícia realmente importante e magnífica, a melhor que já ouviste? Ou a notícia um bocadinho menos boa, mas, ainda assim, a segunda melhor que já ouviste?

— Ou preferes uma sanduíche de novidades, com a parte do afinal-não-é-assim-tão-mau no meio? — perguntou o meu pai, a olhar para mim com os seus grandes olhos castanhos cada vez maiores.

Não importava o que levava esta sanduíche, ia de certeza dar-me uma dor de barriga. Da última vez que

os olhos do Pai ficaram tão esbugalhados, foi quando a minha consola TX-200 se estragou e não deu para arranjar, o que resultou em semanas a fio sem jogos para jogar depois da escola. E, ainda pior, a ser obrigado a jogar *Monopólio* com ele e com a Mãe ao fim de semana, porque, por alguma razão, eles acharam que fazer um chapeuzinho minúsculo e um carro saltitarem à volta de um tabuleiro e colecionar dinheiro falso era tão entusiasmante como destruir zombies e robôs de olhos vermelhos.

Olhei de relance para a minha consola TX-200 nova — aquela que recebi no meu aniversário, depois de dois meses inteiros de tortura de *Monopólio* — e senti-me logo melhor. O que quer que a Mãe tivesse para me contar, nunca podia ser tão mau como perder os meus jogos e pontuações e níveis-bónus. Ou ouvir toda a gente na escola falar sobre os jogos acabados de sair e eu não poder jogá-los. Desde que não me tirassem a minha TX, aguentava qualquer coisa.

— Tanto faz — disse eu, a encolher os ombros às opções de sanduíches faz-de-conta. Novidades são novidades, não importa qual a ordem pela qual nos chegam. Não importa que parte ouves primeiro ou

por último, porque já aconteceram antes de as saberes e não tens como controlá-las.

A Mãe anuiu ao Pai e pegou-me na mão, o que me deixou imediatamente ainda mais preocupado. Porque é que a Mãe me estava a dar a mão? Será que ela tinha uma doença incurável? Ou o Pai? Ou passava-se alguma coisa má *comigo*? Eu não tinha ido ao médico uma única vez este período. A não ser que o meu dentista maléfico, que disse que eu precisava de aparelho, conte. Portanto, *não podia* ser sobre mim...

— Bem, a primeira novidade superentusiasmante é...

Vi o meu pai apertar o ombro da minha mãe, antes de ela respirar fundo e, por fim, dizer:

— Vais ter um IRMÃOZINHO OU IRMÃZINHA!

Durante um segundo, estou certo de que houve uma explosão nuclear no meu cérebro, que fez com que a minha boca e as minhas mãos ficassem dormentes e os meus olhos se esquecessem de piscar.

— TCHARÃ! — exclamou o meu pai, a abanar as mãos na minha direção como se fosse um mágico.

Olhei para os meus pais e tentei dizer alguma coisa. Mas tudo o que o meu maxilar conseguia fazer era subir e descer, como uma maçã a ser mergulhada num barril com água.

— Oh, Imran, a alegria deixou-o sem palavras — sussurrou a Mãe, dando-lhe uma palmadinha contente na mão.

— Não sei se foi bem isso... — respondeu o Pai, com a testa a enrugar-se. Os olhos dele procuraram os meus e ele perguntou: — Estás bem, Zak?

Abri a boca novamente e tentei fazer sair um som qualquer. Mas não saía nada. Apesar de, na minha cabeça, eu conseguir ouvir sirenes da polícia e gritos que diziam: «COMO É QUE VOCÊS FORAM CAPAZES DE ME FAZER ISTO?» Eu tinha 10 anos. Era DEMASIADO velho para ter um irmãozinho ou irmãzinha! E toda a gente sabe que os bebés dão cabo de tudo — choram toda a noite e fazem cocó pelo menos OITENTA E SETE vezes por dia.

Eu estava certo disto porque a minha melhor amiga no planeta inteiro, a Dahlia, tinha recebido uma irmãzinha dos pais, há dois anos, e *ainda* vinha para a escola a falar de cocó e de fraldas e a parecer um zombie ligeiramente eletrocutado. Ela diz que os bebés estão proibidos por lei de deixar alguém dormir à noite, e isso faz com que os cabelos dela fiquem ainda mais frisados, porque também não conseguem dormir.

Ela até já ficou duas vezes de castigo por estar a dormir de olhos abertos nas aulas.

Eu não queria falar de cocó e parecer que tinha sido eletrocutado e dormir de olhos abertos. E, definitivamente, não queria que o meu cabelo ficasse esquisito, ainda por cima logo agora que estava prestes a ir para a escola grande. Já seria mau o suficiente ir para uma escola nova no ano seguinte, com gente nova e professores novos e outros miúdos ainda maiores, mas ainda ter de passar a ser irmão mais velho de uma máquina de fazer cocó? Fiz que não com a cabeça. *Naa!* A Mãe e o Pai iam ter de ficar com aquilo no hospital para sempre, ou mandar-me para um orfanato para eu poder ser adotado por alguém que não tivesse bebés em casa.

Mas, antes de alguma destas coisas poder sair-me da boca em voz alta, o Pai mexericou-me o cabelo outra vez e disse:

— Vais ser um irmão mais velho *extraordinário*, Zak. E, adivinha lá! Há alguém que vem viver connosco, para nos ajudar, ainda antes de o bebé nascer.

— Pois é — disse a Mãe, a sorrir. — Essa é a segunda novidade magnificamente fabulosa e maravilhosa. Queres adivinhar quem é?

AGUENTA AÍ AS TUAS CHAMUÇAS DE CARNE, era o que eu queria gritar! Então já não bastava que um bebé estivesse prestes a mudar-se para nossa casa, ainda vinha mais alguém?

Sentei-me direito, saquei do maior número de sons que consegui encontrar no meu baú de vozes e gritei:

— Nãããããão... Queeeeeeeem?

— Ora bem!

O Pai olhou para a Mãe, a Mãe olhou para o Pai, como dois apresentadores numa cerimónia de entrega de prémios prestes a anunciarem o vencedor. Depois viraram-se os dois para mim, como se eu fosse o envelope à espera de ser aberto, e gritaram em coro:

— A TUA NANI!

— Não é a *melhor coisa de sempre*, Zak? — guinchou a Mãe, a fazer-me uma festinha na cara. — Tu adoras a tua Nani Shelley, lembras-te? Lembras-te de que ela te fazia sempre aquelas suas famosas batatas fritas com casca? E dos panados de lentilhas? E de como te costumavas pendurar no lenço dela e andavas atrás dela a ladrar-lhe como se fosses um cachorrinho?

Fiz que não com a cabeça, porque não! Não me lembrava. Seja como for, quem é que ia querer lembrar-se de

ladrar à avó como se fosse um cachorrinho? Tudo o que recordava eram os seus olhos castanho-acinzentados e enrugados, e alguém que cheirava sempre a chá e a açúcar e a torradas. Mas não via a minha avó desde que tinha 5 anos. Foi a última vez que fomos visitá-la ao Bangladesh. E agora ela vinha *viver* connosco?

— Qua-Quantos dias é que ela cá fica? — perguntei. Eu sabia, pelo que me tinham dito os meus primos que, quando os velhotes vinham para nossa casa, dificilmente voltavam a ir-se embora. Mas a Nani tinha as suas quintas e uma mansão gigante. Ela ia *detestar* estar numa casa pequena, na geladíssima Inglaterra, por isso, podia ser que não ficasse muito tempo connosco.

— Não sabemos ao certo. Mas, pelo menos, meio ano — respondeu a Mãe.

— Meio ANO! — gritei. Mais valia ter despachado aquilo de uma vez por todas e dizer que ela ia ficar para sempre!

— Pelo menos — disse o Pai, e sorriu alegremente. — Vai ser uma bênção divina para nós, vais ver. Agora, estás preparado para as novidades da parte de dentro da sanduíche de que te falei? — perguntou ele, sentando-se também a meu lado na cama.

Oh, não. Agora tinha os *dois* pais sentados na minha cama. Se houvesse alarmes no meu quarto, teriam começado todos a apitar neste preciso momento.

A sentir-me ligeiramente agoniado, olhei para o meu pai e esperei. Mas foi a Mãe que começou.

— Bem, querido, lembras-te de há já muito tempo termos falado em fazer do sótão mais um quarto? — perguntou a Mãe. Sem esperar pela minha resposta, continuou: — Bem, é o que faremos. Vamos desocupá-lo esta semana e pô-lo bonito e acolhedor.

— P-Para o bebé... ou-ou para a Nani? — perguntou a minha boca, enquanto a minha garganta engolia as minhas restantes perguntas.

— Bem, o bebé não vai conseguir ir lá para cima, pois não? — riu-se o Pai. — Pelo menos não durante alguns anos.

— E a tua nani não pode estar sempre a subir e a descer aquelas escadas, com a idade que tem — disse a Mãe, a abanar a cabeça em negação, enquanto olhava para mim a rir-se, também. — Não... Pensámos que ela podia ficar no teu quarto, acima de tudo porque fica mesmo ao lado do nosso e da casa de banho, também. Por isso...

— Por isso... — acrescentou o Pai, acenando-me sem esperar que eu reagisse.

Lentamente, como quando todas as luzes das naves espaciais se vão ligando uma a uma, finalmente percebi.

Era *eu*.

Era eu que ia ser expulso do meu quarto! Era eu que ia ser banido para o sótão. O mesmo quarto ao qual a Mãe chamou «paraíso das aranhas» e onde o Pai despejava caixas de tralhas! Era nisto que este bebé já me estava a tornar? Uma tralha que se podia esconder e guardar no sótão, com os meus jogos antigos e os móveis estragados que o Pai ia arranjar «um dia, quando precisássemos», apesar de já ter havido quatro milhões de vezes em que precisámos desde que ele disse isso?

Saltei da cama; o coração retumbava-me no peito a tal velocidade que me dava vontade de dar pontapés em coisas.

— M-Mas eu não quero sair do meu quarto! — berrei. — É MEU! E o sótão está cheio de aranhas! E é demasiado pequeno! Porque é que não pode ir a Nani para lá? Vocês podem arranjar-lhe umas escadas como deve ser ou um elevador ou assim!

A Mãe abanava a cabeça enquanto o Pai coçava a testa.

— Zak, nós sabemos que isto não é fácil, e sabemos o quanto gostas do teu quarto.

Desviei o olhar do Pai e fitei a minha secretária e as minhas três estantes, cheias com a minha coleção de construções de Lego, e os meus pósteres do Homem de Ferro e das Tartarugas Ninja, e o meu póster autografado do Salik Rehman, o jogador de futebol mais fixe de todo o sempre. Não podia acreditar que nos estavam a dar um chuto dali para fora a todos, um mais rápido do que aqueles que ele dava nas bolas de futebol.

— Ouve — disse o Pai, ao pousar a mão no meu ombro. Eu não conseguia ver-lhe bem a cara, já que os parvos dos meus olhos se enchiam de lágrimas zangadas, por isso fixei o chão e esperei pela mentira qualquer que ele me ia contar a seguir.

— Prometo que vamos tornar aquele sótão no *melhor* quarto de sempre — disse o Pai. — E em menos de nada até te vais esquecer de que este quarto alguma vez foi o teu, sim?

— É isso mesmo — disse a Mãe. — Quando estiver terminado, podes convidar os teus amigos para cá virem; vai ser como dormir numa casa na árvore. Pode ser pintado em qualquer cor que escolhas e vamos

arranjar-te uma bela cama nova e um daqueles grandes candeeiros de lava que tu sempre quiseste. E qualquer outra coisa que aches que vai ficar lá bem.

Sem saber o que fazer, limpei as lágrimas e fixei ainda mais o chão.

O meu silêncio chegou para a Mãe sussurrar:

— É assim mesmo!

E para o Pai me beliscar a bochecha e dizer:

— Assim é que é. — E dirigirem-se os dois para a porta.

— Esperem — gritei, antes que eles desaparecessem.

— Sim? — perguntou a Mãe, ao virar-se para trás.

— Quando é que a Nani chega, exatamente? — perguntei eu.

— O voo dela é no próximo sábado, querido — respondeu a Mãe. — Há anos que ela espera por te ver, Zak. Metade do tempo, é por ti que ela pergunta.

Eu queria gritar: «UMA SEMANA? UMA SEMANA? ELA VAI APODERAR-SE DO MEU QUARTO DAQUI A UMA SEMANA?» Mas, em vez disso, voltei a fitar o chão e esperei que a Mãe e o Pai saíssem do MEU quarto e fechassem a MINHA porta com o meu sinal que dizia «NÃO ENTRAR!». Assim que a porta se

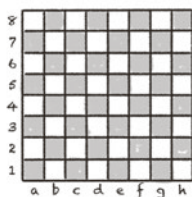
fechou, corri para a minha secretária e arranquei uma folha de papel do fim do meu caderno dos trabalhos de casa com fúria. No topo, escrevi em letras gigantes:

PLANO DE BATALHA

A Mãe e o Pai ACHAM que podem tirar-me o meu quarto para sempre e banir-me para o sótão até que eu próprio, provavelmente, me transforme numa aranha. Mas se há coisa que os jogos das minhas consolas TX me ensinaram, foi a lutar contra uma força inimiga que está a tentar invadir o meu espaço. Tanto fazia que essa força inimiga fosse uma múmia zombie egípcia, um monstro robô de olhos vermelhos ou uma avozinha velhota que faz boras¹ e batatas fritas o dia inteiro.

Não ia abdicar do meu quarto sem dar luta, de maneira nenhuma.

¹ Pastel frito, típico da culinária caseira do Bangladesh, crocante por fora e macio por dentro, geralmente recheado com vegetais ou lentilhas, servido com molhos e acompanhado com chá. [N. T.]



2

A Primeira Jogada

— NÃÃÃÃO!

Os olhos castanhos esbugalhados da Dahlia mexiam-se para um lado e para o outro, em choque.

— Tu também? Não! — Com um aceno lamentoso de cabeça, parou de pintar o mapa da sua versão do mundo e olhou-me com pena. Eu olhei-a de volta, porque o mapa dela parecia uma bola azul luminosa que tinha apanhado varicela, o que me deixou secretamente contente por o meu ter um aspeto um bocadinho melhor.

— Qual é a cena? — perguntou o Milo, a olhar para nós de sobrolho franzido. — É só um bebé. Quer dizer, é um bocado nojento que a tua mãe tenha de... tu sabes... — Aproximou-se e sussurrou: — *De o empurrar para fora dela* e isso! Mas é só um bebé. Alguns até são fixos para brincarmos, quando já não têm uma cabeça

demasiado grande para o corpo. Pelo menos é o que diz a minha avó.

— Blhec — disse eu. Nunca tinha pensado que a Mãe tinha de empurrar o bebé cá para fora, e fiquei logo com pena dela.

— Quem me dera que a *minha* mãe tivesse um bebé — disse a Aoife, a enrolar alguns dos seus cabelos cor de palha com a ponta do lápis de cor. — Isso faria com que ela e o Pai me deixassem em paz e me não quisessem sempre ao pé deles. Uma vez li numa revista que os pais com mais do que um filho são muito menos stressados em relação a tudo. Parece que é porque ficam com privação de sono e se transformam em zombies.

A Dahlia deu uma gargalhada e abanou a cabeça. A Aoife estava sempre a ler as revistas da mãe às escondidas e partilhava connosco factos estranhos. Ou o que os nossos signos previam que nos ia acontecer.

— Confia em mim. Se tivesses um irmão mais velho que te quisesse usar como boneco de treino de karaté e uma irmã que se andasse sempre a babar por todo o lado, não desejarias que a tua mãe te desse nada que tivesse que ver com bebés — retorquiu a Dahlia. — Além disso, nunca tiveste de mudar uma fralda.

— *Tu* também nunca mudaste nenhuma — relembrou-a o Milo, a revirar os olhos e a abanar a cabeça em negação. — Tu só *viste* o teu pai a mudá-la.

— É a mesma coisa — respondeu a Dahlia. — Estava tão perto que aquilo quase acabou com a minha vida. E o cheiro! Fez-me...

— Perder o olfato — dissemos, o Milo, a Aoife e eu, todos ao mesmo tempo, a abanar as cabeças. Esta era capaz de ser a quingentésima vez que ouvíamos contar sobre o que o cheiro das fraldas da irmã tinha feito ao olfato da Dahlia.

— Mas fez mesmo! Ainda estou para saber como é que uma coisa tão ilegal sai de uma coisa tão pequenina. Não admira que os pais e as mães andem sempre de mau humor. Tiveram de cheirar aquela cena durante anos connosco!

— E que cheiro era esse, Dahlia? — perguntou a professora Koumi, que apareceu como um mágico em forma de professora ao canto da mesa da Aoife. Sorriam-nos, por isso eu sabia que ela já sabia a resposta.

— Nenhum, professora — respondeu a Dahlia, com as bochechas a ficarem logo rosa-choque.

— Cocó, professora — disse o Milo, a aproveitar a oportunidade para dizer a palavra em voz alta a uma professora. — COCÓ de bebê! A professora sabe, COCÓ que sai de um bebê.

— Ah — disse a professora Koumi, com a boca a enrugar-se num pequeno sorriso. — Ainda traumatizada, estou a ver.

A Dahlia assentiu com seriedade.

— Professora, consigo sentir-lhe o cheiro em toda a parte. Até nos meus sonhos.

— Os sonhos não têm cheiro! — exclamou o Amitav, atrás de nós, o que nos fez perceber que toda a turma estava a ouvir.

— Os meus têm! — exclamou de volta a Dahlia, virando-se e lançando-lhe um olhar semicerrado.

— Bem, tenho a certeza de que as memórias, e os cheiros, vão desvanecer-se com o tempo. Ora bem, não deixemos que toda esta conversa sobre cocó vos impeça de acabarem os mapas antes de a campanha tocar — ordenou a professora Koumi, enquanto regressava à sua secretária na frente da sala. Toda a turma voltou a pintar os seus mapas mais silenciosamente, enquanto eu tirava um lápis castanho do copo à minha

frente e pensava no irmãozinho ou irmãzinha que estava para chegar e que ia apoderar-se da minha vida. E na Nani, que vinha do outro lado do mundo para me roubar o quarto. Ainda nem tinha contado à Dahlia, ao Milo e à Aoife sobre ela. Provavelmente, as novidades iam fazer explodir a cabeça da Dahlia.

Planeei contar-lhes no intervalo... E depois à hora de almoço... Mas não conseguia encontrar as palavras certas. Talvez eu não as quisesse dizer em voz alta porque isso tornaria tudo aquilo verdade.

Em menos de nada, estava na hora de ir para casa. Como só vivia a uma rua de distância da escola, normalmente ia sozinho a pé para casa, depois de o pai da Dahlia e a avó do Milo e a tia da Aoife virem buscá-los. Mas hoje o Pai estava à minha espera.

A Dahlia e o Milo olharam logo para mim, de sobrolho franzido. «O que é que o teu pai está aqui a fazer?», perguntaram com o olhar. Eu estava a perguntar-me o mesmo, ainda que estivesse muito feliz por vê-lo.

— Olá, Sr. Shah! — gritou a Aoife, e correu direita a ele.

— Olá, Aoife — disse o Pai, a dar-lhe um dá cá mais cinco. A Aoife adorava a minha mãe e o meu pai.

A minha mãe era a médica de família da família dela e o meu pai ajudava as pessoas a quem os carros avariavam, e uma vez tinha ajudado o tio favorito dela.

Era fixe ter uma mãe médica e um pai que andava a conduzir por aí, também a ajudar pessoas. Menos quando eles não estavam em casa por estarem a trabalhar, o que era quase sempre. Não me lembrava da última vez em que algum deles me tinha vindo buscar à escola. Normalmente, durante o dia, a Mãe estava no trabalho e o Pai precisava de dormir ou tinha de substituir alguém num outro turno. Eu não me importava, a sério. Mas quando eles apareciam quando eu não estava à espera é que eu percebia as saudades que tinha de os ter por perto. Como hoje.

— Estás pronto para irmos, Zak? — perguntou o Pai, a revolver-me o cabelo.

Assenti e, depois de acenar à Dahlia, à Aoife e ao Milo, comecei a caminhar orgulhosamente ao lado dele. Sabia que estavam todos a olhar para nós ou ocupados a acenar ao Pai. Quando crescesse, queira ser assim. Alguém de quem as pessoas se lembravam, mesmo quando ficavam meses sem te ver.

— Porque é que me vieste buscar, Pai? — perguntei, depois de deixarmos o portão da escola para trás. —

Porque é que não estás nas autoestradas ou a dormir ou assim?

— Ah, bem, tirei uns dias de folga — respondeu o Pai. — Tenho um projeto especial para acabar. Já vais ver, quando chegarmos.

Um projeto especial? Nunca vira o Pai dedicar-se a nenhum tipo de projeto, muito menos a um especial. Tinha de ser qualquer coisa para o bebé. Típico. Já estava a receber tratamento especial.

Puxei-lhe o braço e pedi-lhe que me dissesse, mas ele fez que não com a cabeça e piscou-me o olho:

— Já vais ver!

Quando entrámos em casa, o Pai atirou as chaves para uma taça e perguntou-me o que é que eu queira comer de lanche pré-jantar.

— Posso escolher *aquilo* que eu quiser? — perguntei, e deixei a mochila cair para o chão e segui-o até à cozinha. O meu estômago roncou, com uma fome repentina.

— Claro — disse ele, ao abrir o frigorífico. — Se tivermos.

— Posso comer douradinhos? Por favooooooooooooooooooooooooooooor?

O Pai pegou na caixa gigante de douradinhos e olhou para mim.

— Eu estava a falar de uns *crumpets* ou de uma peça de fruta. Não disto! — disse ele, a abanar a cabeça. Mas sorria ao dizê-lo. Ele sabia que eu achava que os douradinhos eram a melhor comida alguma vez criada em toda a História, e que era o que eu mais adorava, mais do que qualquer outra coisa no mundo; exceto chocolate, aí havia um empate. Uma vez experimentei os dois juntos e molhei um douradinho numa tigela com chocolate derretido, que, na verdade, era chocolate culinário. Mas ficou *nojento*. Seria de pensar que, se misturares as tuas duas comidas favoritas de sempre, isso resultaria num prato novo fantástico. Mas não. Às vezes, a vida não faz qualquer sentido.

— Comemos três cada um, então — disse o Pai, enquanto ligava a *air fryer*. — E mais nada. Assim não ficas sem apetite para o jantar. Vou fazer kebabs seekh² caseiros para o jantar.

² Kebab seekh é um tipo de kebab originalmente das regiões de Punjab e Awadh, feito com carne moída ou picada, geralmente de cordeiro, vaca ou frango, temperada com especiarias do sul do continente, moldada em cilindros que são colocados em espetos e grelhados. [N. T.]

Assenti, ainda mais feliz. Os kebabs do Pai eram os melhores dos melhores.

— Muito bem, enquanto aquilo faz, queres ver o projeto especial que comecei?

Anuí, saltei da cadeira e segui o Pai pelas escadas acima.

— Estás a construir um berço para o bebé? — perguntei.

— Não, ainda não. Se tudo correr bem, ainda faltam alguns meses até termos de tratar disso.

O Pai passou pelo meu quarto e pela casa de banho, e parou no meio do patamar, mesmo por baixo da porta quadrada que dava para o sótão, que estava mesmo por cima das nossas cabeças. Só que a porta que era da cor do teto já lá não estava e o patamar, que costuma estar arrumado, tinha caixas velhas e molduras e um taco de hóquei coberto de teias de aranha, tudo empilhado por baixo da janela.

A sorrir, o Pai puxou a escada desdobrável. À medida que a escada desdobrava e estalava até ficar direita, senti qualquer coisa estalar também dentro de mim.

— Anda ver — declarou, a cabeça dele a desaparecer pelo buraco que ficava mesmo no meio do céu pintado de creme por cima de nós.

Vi os ombros, as pernas e os pés dele serem engolidos como esparguete para dentro de um buraco negro, e ordenei a mim mesmo que me mexesse. Mas as minhas mãos e pés recusavam-se. Foi então que os meus ouvidos decidiram juntar-se a eles em jeito de protesto, porque eu conseguia ouvir a voz do Pai mas não conseguia entender uma única palavra do que ele dizia.

— ZAK? — O Pai enfiou a cabeça para fora do buraco. — Vens? Não queres ver o que estou a fazer? Anda lá! *Thara-thari*!

Sempre que o Pai dizia «*Thara-thari*», era para eu me mexer à velocidade da luz. Normalmente era porque ele tinha de ir salvar a vida de alguém em apuros. Mas desta vez era para acabar com a vida que eu tinha.

Forcei as minhas pernas a andarem no que me pareceu ser uma piscina invisível de melaço, subi lentamente a estúpida escada até ao estúpido sótão e enfei a cabeça no estúpido buraco negro. De início não consegui ver nada, estava demasiado escuro. Mas a luz que vinha de uma janela larga e suja começou lentamente a bafejar raios de luz empoeirados na minha direção.

— Já viste como é grande? — perguntou o Pai, orgulhoso, e endireitou-se e bateu logo com a cabeça no

teto triangular. — Só temos de dar-lhe uma boa limpeza, uma pinturazita e depois podemos logo começar a trazer as tuas coisas para cá. O que é que achas?

Fiquei onde estava, com os pés colados com pastilha elástica invisível à escada, e olhei em volta, para a cela na qual o Pai e a Mãe queriam tão alegremente exilar-me. Havia teias de aranha no teto todo e em todos os cantos, mas aranha não avistei nenhuma. Talvez tenham percebido que construíram as suas teias numa porcaria de divisão e foram-se embora.

— Vai ficar lindo quando eu o terminar — mentiu o Pai. — Vais ver.

Enquanto ele falava de aspiradores e janelas e tábuas de madeira, percebi que o projeto especial do Pai era enxotar-me do meu quarto bem antes de a Nani sequer aterrar, e que a minha batalha para o salvar já havia começado.



3

O Jogo da Espera

— O que é que se passa contigo? — perguntou a Dahlia, ao encontrar-me no nosso sítio do costume, já dentro da escola. Trazia posto o capacete vermelho-vivo, o que me recordou de que já era terça-feira e de que já só me restavam quatro dias até a invasora do meu quarto chegar. A Dahlia e o pai dela vinham sempre de bicicleta para a escola às terças-feiras e ela esquecia-se sempre de tirar o capacete antes de a campainha tocar. Dizia que era porque a irmã bebé dela lhe fritava o cérebro todas as noites, e que por isso já não se conseguia lembrar das coisas.

— Nada — disse eu, cabisbaixo.

— Vá lá — respondeu ela, ao tocar-me no cotovelo.

A Dahlia parecia saber sempre quando eu estava chateado, mesmo quando eu tentava escondê-lo.

— Lembras-te de eu te contar que a minha mãe e o meu pai vão ter um bebé novo? — perguntei.

— Sim... — anuiu seriamente a Dahlia.

— Bem... Não é só o bebé novo que vai morar connosco. A minha avó também.

Esperei que a Dahlia reagisse exageradamente, como fazia sempre que lhe dávamos notícias de primeira página, mas não. Nem uma reacçãozinha. Em vez disso, olhou para mim com aqueles olhos grandes e caídos e perguntou:

— E? Isso é normal. As pessoas querem sempre visitar os bebés novos e assim.

— Não é isso... Tu não percebes — expliquei, a sentir ainda mais autocomiseração, agora que dizia as palavras em voz alta. — Ela não vem só visitar-nos. Ela vem *viver* connosco. No MEU quarto. E eu tenho de ir viver para o sótão. PARA SEMPRE.

— NÃO PISES A RELVA! — berrou a Dahlia, empurrando-me com tanta força que até dei um passo atrás. — NÃO SE PODE!

— Ei, o que é que não se pode? — perguntou a Aoife, a saltar ao pé-coxinho como se estivesse a jogar à macaca até chegar ao pé de nós. O Milo vinha atrás, a chutar

uma lata de bebida como se fosse uma bola de futebol e a colar a pastilha elástica mascada atrás da própria orelha ao mesmo tempo. O Milo adorava mascar pastilha elástica, mas não tanto quanto adorava colá-la atrás da orelha. Dizia que o fazia ouvia melhor nas aulas e que também fazia as orelhas dele cheirarem melhor.

A Dahlia olhou em redor com um ar desconfiado, antes de puxar o Milo e a Aoife para perto dela e repetir-lhes tudo o que eu tinha dito. Terminou com as palavras:

— E o Zak vai ser expulso para o sótão, que parece uma masmorra e que provavelmente tem lá morcegos, *para sempre!*

A Aoife e o Milo olharam ambos para mim com um ar horrorizado.

— O quê? Com morcegos, e se calhar até ratos? — perguntou o Milo, a tocar a nervosamente na cabeça repleta de trancinhas impecáveis como se os ratos pudessem atacá-las a qualquer momento.

Pensei em tudo o que a Dahlia dissera e decidi que estava perto o suficiente da verdade para anuir.

— E tudo porque a malvada da avó dele vem roubar-lhe o quarto — acrescentou a Dahlia, e levantou

tanto as sobrancelhas que elas se esqueceram de voltar a descer.

— Oh, não! — sussurrou a Aoife, a agarrar-me o braço e a abaná-lo. — *Acabei* de ler sobre uma situação igualzinha numa das revistas da minha mãe! Só que... a mulher que *dizia* ser a avó não era a avó verdadeira, de todo. Era uma impostora que tinha roubado a identidade da avó verdadeira. E se ela for uma avó falsa? O que é que vais fazer?

— Hum... Não sei bem — respondi. — Mas fiz um...

Antes de eu poder terminar a frase, o professor Ngoy soprou o apito que dava o sinal do fim do intervalo e mandou a toda a gente ir rapidamente para dentro.

Durante o resto do dia, sempre que tínhamos a certeza de que ninguém nos estava a ouvir, eu sussurrava à Dahlia e à Aoife todos os meus planos de batalha para impedir a Nani, fosse verdadeira ou falsa, de ficar com o meu quarto. Eles começaram a ter imensas ideias também, muitas mais do que aquelas que conseguiria ter sozinho e, na última aula, em vez de apontar o ditado da professora Koumi, o Milo anotou todas as nossas ideias no final do caderno dele, para me dar. Fomos todos espreitando, porque gostávamos de ver o Milo

a escrever. Ele escrevia sempre as letras de baixo para cima e, às vezes, escrevia as palavras de maneira engraçada, por causa da dislexia. Mas não nos importávamos, sabíamos sempre o que significavam e o que ele estava a tentar escrever. Quando ele acabou, a lista era esta:

- * bzôrus e dpoiz aranhach – Ayfe
- * mîas supérmalxeirózas du futebol – Dalya
- * duaz pachtilhas – Eu
- * slaime – Eu e Ayiefe
- * boneka açustadora – Daylya
- * xantilí – Zak
- * Pachta de demtex
- * crème

Quando terminou, o Milo olhou para nós muito sério, como se fosse um falsificador de obras de arte muitíssimo famoso.

— Obrigado, Milo — sussurrei, o que o fez sorrir.

— Zak, Milo, já terminaram de responder às perguntas? — perguntou a professora Koumi, num tom de voz severo.

Ambos fizemos que não com a cabeça e juntámo-nos aos outros, com a cabeça tão em cima dos cadernos que os nossos narizes quase tocavam as páginas.

— Foi por pouco — disse o Milo, assim que tocou a campainha para irmos para casa. — Imagina se a professora Koumi nos apanhasse e visse a lista!

Todos rimos de nervoso.

— Também posso arranjar-te uma das fraldas usadas da minha irmã, se quiseres mesmo deixar o quarto da tua nani pestilento... — acrescentou a Dahlia, ao parar para pensar. — Mas isso também significa que teria de a trazer para a escola e andar com ela o dia todo, por isso esquece. Provavelmente seria presa por homicídio por mau cheiro.

— Posso emprestar-te o meu lagarto, se quiseres — disse a Aoife. — Bem, tecnicamente ele não é meu, é da minha vizinha. Mas ela não vai dar conta. Ele parece-se demasiado com um ramo.

— A sério? — perguntei, a pensar que seria fixe deixar um lagarto no quarto da Nani.

— Claro — respondeu a Aoife. — Mas ias ter de me pagar, claro. Como se fosse um seguro, ‘tás a ver?

Abanei a cabeça em negação à Aoife. A mãe dela vendia seguros para casas e assim, por isso a Aoife

também andava sempre a tentar vender alguns. Ainda que ela não soubesse bem o que eram e nenhum de nós compreendesse para que serviam.

— Faço-te um seguro a bom preço. 3,5 libras. E uma embalagem de *Jaffa Cakes* — continuou a Aoife, com um ar satisfeito.

— Vou pensar nisso — disse-lhe, a tentar lembrar-me de quanto é que tinha no meu mealheiro.

— Vens à aula de jogos hoje? — perguntou o Milo, enquanto saíamos da aula rapidamente e nos encaminhávamos para a biblioteca.

A biblioteca da escola era onde a professora Pendrigh e o Professor Ahad davam as aulas de jogos todas as terças-feiras. Tinham pelo menos seis jogos de tabuleiro diferentes dispostos nas mesas, com o habitual *Scrabble* e xadrez e cartas e o *Quatro em Linha*. E depois o *Robot League* e o *Caves do Zorro* no computador da escola, que tinha sempre a maior fila.

A professora Pendrigh disse que os jogos como o *Robot League* são educativos e que nos ajudam a aprender a programar e a contar uma história, mas todos sabíamos que era porque ela também os adorava. Eu tinha a pontuação mais alta nesses jogos e não me

saía mal ao *Scrabble*, se me deixassem usar palavras em inglês e em bengali. O único jogo que eu nunca joguei foi xadrez. Os jogadores de xadrez a sério ficavam sempre com os tabuleiros e eu não queria mesmo nada jogar contra eles. De certeza que me ganhariam e me fariam passar por parvo à frente de toda a gente. Especialmente a Thema. Ela era a rapariga mais velha, e a mais alta, do nosso ano, e não era apenas a campeã de xadrez da escola, era de todo o concelho.

Toda a gente tinha medo da Thema, até os outros miúdos fixes. Ela não era de muitas palavras. Na verdade, acho que nunca sequer a ouvi falar, nem mesmo quando ela ganha uma partida. Mas não precisa. O seu olhar afiado e eletrizante diz tudo o que há para dizer. Uma vez, olhou diretamente para mim, no corredor, acho que foi sem querer, mas eu fiquei tão nervoso que o meu pé esquerdo quase fez uma rasteira ao meu pé direito.

Espreitei pela porta de vidro da biblioteca e vi que já lá estava toda a gente, prontos para jogar o jogo que lhes apetecesse. A Thema lá estava, na mesa do xadrez, a jogar com alguém que já estava corado, e a professora Pendrigh apontava os nomes de toda

a gente que queria jogar *Robot League* e dizia-lhes que se pusessem na fila.

— Não posso — disse, com pena de mim mesmo. — Tenho de ir para casa ajudar o Pai a preparar a minha cela.

A Dahlia e a Aoife anuíram em silêncio; já o Milo deu-me uma palmadinha no braço como se eu tivesse, de facto, sido condenado a prisão perpétua.

— Lembra-te: sê extra simpático, para o teu pai e a tua mãe baixarem a guarda — disse a Dahlia.

— Sim, e não fales muito, senão ainda lhes contas o plano — aconselhou o Milo.

— E não te preocupes — disse a Aoife, a fitar-me com os olhos tão arregalados quanto conseguia. — O teu signo vai ajudar-te a sobreviver a isto. És Balança. E a previsão é que tenham bué boa sorte agora.

— Hum... ‘Tá bem. Obrigado, malta. Vemo-nos amanhã — declarei, a forçar-me a começar a andar para longe da biblioteca. — E não se esqueçam de me trazer as coisas da lista, sim?

— Até o lagarto da minha vizinha? — indagou a Aoife.

— Hum, não, o lagarto não. Ainda não — respondi, a fazer-lhes adeus.

Nessa noite, e durante toda essa semana, fiz o que a Dahlia e o Milo me disseram que devia fazer. Mantive-me caladinho e portei-me lindamente. Ajudei o Pai a limpar e a arrumar e a mudar e a martelar e a pintar a minha masmorra no sótão. E vi a Mãe encher jarros que nem sabia que tínhamos com infinitos ramos de flores, para as prateleiras do *meu* quarto, e pendurar fotografias de flores, na *minha* parede, e encomendar lençóis com ainda mais flores, para a *minha* cama.

No final da semana, o meu quarto, previamente fantástico e imensamente fixe, parecia um filme de terror sobre flores. Assustador o suficiente para afastar zombies da vida real e fantasmas.

A cada espacinho do meu quarto que era destruído, dizia a mim mesmo que ia ficar tudo bem e que estava focado nos resultados a longo prazo. Resultados esses que culminariam comigo a enxotar a minha avó e as flores malcheirosas dela do meu quarto, de uma vez por todas, sem ninguém sequer chegar a saber que fui eu.

Tudo o que tinha de fazer era esperar que ela aterrasse.

Uma avó. Um neto. Um quarto. Uma partida inesquecível.

Quando os pais anunciam que vem aí um bebé e que a avó, a Nani, vai ocupar o seu quarto, o Zak decide que não vai desistir sem lutar. Com a ajuda dos amigos, prepara um plano para recuperar o seu território. Mas a Nani não é uma avó qualquer. Antiga campeã de xadrez, está sempre vários lances à frente e responde a cada plano do neto com uma jogada ainda mais brilhante.

Até que o jogo muda.

Aos poucos, o Zak apercebe-se de que a Nani começa a esquecer-se de onde está... e até de quem ele é. E aquilo que começou como uma divertida batalha transforma-se numa emocionante missão: ajudá-la a preservar as memórias e a pessoa extraordinária que sempre foi.

Entre partidas de xadrez, gargalhadas e momentos de enorme ternura, *O Jogo que Nunca Vou Esquecer* é uma história inesquecível sobre a ligação única entre avós e netos e sobre um amor que continua a encontrar o caminho de volta, mesmo quando a memória começa a perder-se.

Também vais adorar ler estes:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

[penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

9+

ISBN: 978-989-589-109-2



9 789895 891092